

AFETAMENTOS DO/NO CORPO EM UMA LEITURA PÓS- HUMANISTA NAS ARTES VISUAIS

*Eixo Temático ET 01 -A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as
Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)*

Viviane Viana de Souza ¹

RESUMO

O trabalho traz uma discussão sobre o corpo na arte, localizado tanto como objeto representado na arte hegemônica até início do século XX, tanto como suporte, matéria e ator das manifestações artísticas na contemporaneidade. Na interpelação com obras e imagens produzidas por mulheres na Arte contemporânea (Guerrilla Girls, Ana Mandieta e Élle de Bernardini), em diálogo com/através/a partir das provocações do neo-materialismo e do pós-humanismo de Karen Barad (2012; 2007) e Donna Haraway (2009a; 2009b), proponho que a difração com/através/a partir dessas imagens fazem emergir possibilidades disruptivas em educação e currículo que abraçam e valorizam a diferença e existências outras.

Palavras-chave: Corpo; Artes Visuais; Neo-materialismo; Pós-humanismo; Currículo.

~~INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO~~ (A cena emerge)

Abordar o corpo na arte implica certamente uma dupla possibilidade: o corpo como objeto de representação, em pinturas, esculturas e demais obras realizadas por artistas em uma tradição naturalista do real do corpo representado, e o corpo como matéria mesma da arte, como vemos nas diversas manifestações desde a segunda metade do século XX. Contudo, falar do corpo não é falar de *qualquer* corpo. Para além

¹ Professora do Departamento de Artes Visuais – Colégio Pedro II/RJ. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ.
vivi.vianasouza@cp2.g12.br

de entender esse corpo como generificado, localizado cultural, temporal, geográfica, discursiva e materialmente, proponho re/pensar os próprios limites desse corpo.

Ao localizar as implicações materiais e os emaranhamentos discursivos do corpo, em um sistema epistêmico, ôntico e político marcado pelo humanismo positivista, que enquadra as ciências, os sentidos e a linguagem pressupondo a hegemonia do masculino universal – branco e europeu, vivenciada também no campo da arte, e operam não somente nessa dupla possibilidade de objeto/agente que aqui me interessa, mas em séries de outros binômios conceituais que orientam e sustentam as práticas sociais e materiais que circunscrevem existências em fronteiras fixadas que excluem a diferença e o devir. Nesse projeto científico descorporificado, Donna Haraway (2009a) critica o olho que olha o mundo de forma distanciada, objetivamente e dele separado, e produz essa oposição entre natureza/cultura e entre o que representa e o que foge de qualquer representação.

No contra-projeto de borrar essas fronteiras e propor uma teorização corporificada e localizada, as produções teóricas feministas pós-modernas na virada ontológica (VEIGA, 2020) nos trazem outras lentes caleidoscópicas para entender o corpo. Assim, a proposta desse texto é fazer uma discussão do corpo na arte, interpelada por obras e imagens produzidas por artistas mulheres (Guerrilla Girls, Ana Mandietta e Élle de Bernardini) como possibilidades disruptivas em educação e currículo, provocada pelas conversas do neo-materialismo e do pós-humanismo, especialmente as feitas por Karen Barad e Donna Haraway entendendo que não só as relações humanas mas também a infração com/através/a partir das imagens, corpos, tintas, mundo, sons, corpos não-humanos e cores, informam, formam e de/formam nossos modos de ser/estar no/com o mundo.

METODOLOGIA (ou não estou pintando um quadro)

Escrever, teorizar, pesquisar neo-materiais borra e sacode as certezas das práticas de pesquisa modernas, centrada no binômico corpo/mente. Para produzir conhecimento diferente e produzir conhecimento de forma diferente, como aponta Elizabeth St. Pierre (2008, p.228), aqui não há objetividade, pois não é possível estar/ser separada e distanciada de um suposto objeto. Não estou pintando um quadro, olhando

para minha modelo inerte que prolonga a piscada e a respiração para não atrapalhar o exercício que faço de apreensão da sua forma, transformada por mim em representação na tela. Afetada pelas imagens, conceitos, conversas, céus, emoções, textos, que escapam do binário humano/não humano (ST. PIERRE, 2008, p. 232), este texto situa-se como uma pesquisa pós-qualitativa, entendendo que “os conceitos não são ideacionais, mas arranjos físicos reais” (BARAD, 2017, p. 24), preocupada em como “pessoas usam esses conceitos em uma variedade de contextos situados, e com como esses conceitos trabalham dentro dos contextos situados das suas condições materiais-discursivas (MURRIS, 2021, p. XX).

RESULTADOS E DISCUSSÃO (Corte agencial)

Um ateliê. Quadros, cavaletes, homens vestidos pintando, cores, sombras, tintas, olhares, tela, linhas, uma mulher nua sendo pintada. Essas são algumas das coisas que emergem do quadro de Coubert, mas poderiam emergir de uma grande variedade de obras, em um punhado de séculos. Amplamente presente como objeto a ser representado, o corpo feminino figura na maioria dos acervos de grandes museus e coleções, como objeto de representação, como provocam as Guerrilla Girls com seus cartazes ao perguntar se as mulheres precisam estar nuas para entrar nos museus² (norte-americanos e europeus), frente a elevada quantidade de nus femininos, e o ínfimo número de mulheres autoras nesses mesmos acervos. Ausências apontadas por pesquisadoras estrangeiras e brasileiras (NOCHLIN, 2016; SIMIONI, 2019).

A arte contemporânea ao aproximar arte e vida e ao borrar as delimitações estanques das fronteiras do pedestal e do retângulo da moldura, traz o corpo como potência para a experiência estética. As fronteiras entre eu e o mundo, o dentro e o fora, o corpo natural (encarnado) e o corpo simbólico (conceito), “o corpo subordinado à mente, a natureza ao sujeito, o humano” (VEIGA, 2020, p. 14), antes apareciam como já dadas. Lá no meio do ateliê, a carne branca da modelo é mundo, é natureza, objeto operacionador da racionalidade do artista acessa a sua genialidade (NOCHLIN, 2016).

2 Em 2017, na ocasião da exposição retrospectiva realizada no MASP (Museu de Arte de São Paulo), recriaram seu famoso cartaz: “As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?” (1989) para o museu brasileiro: “As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?” (2017).

As mudanças mobilizadas pelos movimentos negro, *queer* e feministas e a virada linguística vão colocando em xeque o modo de fazer ciência de estar/se relacionar com o mundo, abrindo fissuras no paradigma da visão única (HARAWAY, 2009a), e com isso não só o masculino universal, mas também a própria ideia de sujeito autônomo e separado do mundo. Karin Murrís retoma a pergunta de Donna Haraway, e questiona “porque os corpos devem terminar na pele?” (MURRIS, p. 39), colocando em suspenso os próprios limites do corpo como matéria.

Karen Barad, em diálogo com outras teóricas feministas a partir dos anos 80, vem esfumando as categorias das ciências ditas duras, como a física, e as teorias sociais e as ciências humanas, e discute inclusive a impossibilidade dessa separação (2017, p. 16). Barad partindo dos estudos da física quântica, em especial da filosofia-física de Niels Bohr³, que coloca em questão a própria natureza da realidade, não apenas nosso conhecimento dela, ao “[...] questionar toda uma tradição na história da metafísica ocidental: a crença de que o mundo é povoado de coisas individuais com seus próprios conjuntos independentes de propriedades determinadas” (BARAD, 2007, p. 19). As re/configurações propostas por Karen Barad colocam em suspenso os binômios advindos da separação newtoniana entre partícula/onda e cartesiana de mente/corpo, e provocam uma desestruturação interessante para pesquisas em arte, educação e currículo, destaco aqui dois pontos relevantes para este trabalho. O primeiro é justamente a já mencionada implosão das fronteiras fixadas que separam o eu e o outro, pela leitura quântica do mundo, fazemos parte e somos constituídas e constituintes de tudo que nos cerca, do emaranhado de atravessamentos, relações, contatos, ações que sem fixação no espaço-tempo (momentum e velocidade) nos colocam numa eterna criação do agora. Isso coloca o próprio *entre* em questão, pois se não há individualidade encapsulada, não há o meu oposto, o outro. Os binários hierárquicos da epistemologia ocidental, constituintes em nosso modo de pensar e ser (MURRIS, 2021, p. 12) são implodidos: mente/corpo, razão/sentimento, eu/outro, homem/natureza, homem/mulher, branco/negro, desenho/cor.

O segundo ponto é a desestabilização do binário discurso/matéria tomada pelos pós-estruturalistas, e que na virada linguística dá grande destaque para a construção discursiva nas relações sociais. Se, o pós-estruturalismo e os estudos do discurso e da

3 Dinamarquês (1885 – 1962), foi um dos líderes da revolução quântica na Física.

linguagem produzem efeitos materiais nos corpos e vivências sociais, para o neo-materialismo de Barad, não existe a oposição ou complementariedade entre discurso e matéria, mas sim uma materialidade discursiva, uma discursividade material. Imagem, tinta, quadro, artista, texto, modelo, fotografia. No materialismo agencial, o discurso importa, mas a matéria também *importa*⁴ Mais que relações, o que emerge dessas intrações entre humanos, não-humanos, inu-humanos, as interpelações que nos atravessam, se desdobram em afetamentos muito além dos que estamos acostumadas ou ensinadas a pensar, mas naquelas que tomamos como inertes, mas que também são agenciais, como as imagens e objetos.

Folhas de ouro, artista, riso, dança, música, chão de madeira, mel, olhares, convite, corpo nu. Élle de Bernardini afirma que *A imperatriz está entre nós*⁵ ao ocupar os espaços museais em que corpos como o seu são abjetos entre os acervos. Barad e Haraway propõem que difração seria uma melhor alternativa que a famigerada reflexão, pois "ambos são fenômenos ópticos, mas enquanto a reflexão é sobre espelhamento e mesmice, a difração atende a padrões de diferença" (BARAD, 2007, 29). No fenômeno de um corpo trans nu, dourado, melado e dançante no salão do museu há um emaranhado de conceitos, de discursividade material que acionam e borram os binários das categorias da arte e da metafísica da presença, "o eu mesmo que está disperso/difractado através do tempo e do ser (BARAD, 2012, p.213). Aquele corpo que não está ali, limitado pelo mel e pelo ouro, mas é acontecimento, efeito do ato de tentar apreender a sua imagem dançante no museu, em que as partes componentes desse fenômeno -mel, cheiro, luz, corpo – intra-agem.

Para o neo-materialismo, não somente as práticas discursivas produzem efeitos materiais no mundo, mas a matéria participa agencialmente em devir no mundo, implicando em uma performatividade corporificada, diferente da que Butler (2019) traz ao dar ênfase nos efeitos materiais do discurso.

4 Em língua inglês a palavra *matter* tem sentidos múltiplos, pode tanto se referir a matéria, a importância e questão (substantivo). Em seus textos, Barad cria jogo de palavras que borram os sentidos da palavra, mas que não existem na língua portuguesa.

5 Élle de Bernardini. *A Imperatriz está entre nós*, 2019. Fotografia, pigmento mineral sobre papel algodão, dimensões 80 cm x 120 cm. Acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp).

Placas de vidro pressionadas contra o rosto e corpo de Ana Mandieta⁶ na série *Glass on body (imprints)* produzem autorretratos que causam estranhamento e desestabilizam a própria ideia de (auto) representação. Vidro, pele, olhar, autorretrato, fotografia, título. A placa fria e transparente toca o corpo da artista nesse corte agencial não para representar conceitos, o dispositivo vidro toca o corpo, fazendo práticas discursivas/(con)figurações que desestabilizam ideias e imagens de beleza, mulher, autorretrato, intra-ação que cria um corpo virtual ficcional, que sempre esteve ali:

Todo tocar implica uma alteridade infinita, de modo que tocar o Outro é tocar todos os Outros, incluindo o “eu”, e tocar o “eu” implica tocar os estranhos internos. Mesmo os menores pedaços de matéria são uma multidão insondável. Cada “indivíduo” sempre já inclui todas as intra-ações possíveis com “si mesmo” por meio de todos os Outros virtuais, inclusive aquelas que são não contemporâneas com “si mesmo”. Ou seja, todo ser finito está sempre já enfiado com uma alteridade infinita difratada pelo ser e pelo tempo. (BARAD, 2012 p. 214)

Como autora e não objeto, Ana Mandieta convida o borrado e o estranhamento para o instante fotográfico, corte agencial de um corpo não como é visto ou esperado, acionando também uma ilusão/ficção de corpo. A partir da série fotográfica de Mandieta, atentamos que a representabilidade não pode ser tomada pelo seu conteúdo explícito,”uma vez que ele é constituído fundamentalmente pelo que é deixado de fora, mantido fora do enquadramento dentro do qual as representações aparecem. Podemos pensar no enquadramento, então, como algo ativo (BUTLER, 2019, P. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (Intra-ações até agora)

Corpos, conceitos, imagens, humanos/não-humanos, matéria e não/matéria ao intra-agirem vão produzindo difrações impossíveis de serem previstas, e nos mostram como as imagens, corpos e objetos também participam do nosso entendimento de mundo, nos afetam e re(con)figuram em processos sempre porvir. Entender o material/discursivo, não como e/ou, mas em uma continuidade intermitente, sobreposta e inseparável nos faz repensar re/configurações dos binários que persistem em aparecer como fundamentos e essencialidade no currículo e na educação.

As provocações feministas neo-materiais evocam que “As teorias não são meros pronunciamentos metafísicos sobre o mundo a partir de uma suposta posição de

⁶ *Untitled. Glass on body (imprints - face)*, 1972.

exterioridade” (BARAD, 2012, p. 207), portanto participam materialmente do ser e estar no mundo. Entendendo a escola como um dos cenários de fenômenos intra-ativos, acredito que acionar as imagens, objetos, sons, cores para além do entendimento antropocêntrico de conhecimento e educação, é uma alternativa para pensar as artes visuais diferentemente na escola, possibilitando no devir existências outras e a diferença que foge a representação, já que “manter fixa a categoria de ‘humano’ exclui antecipadamente um rol inteiro de possibilidades, omitindo dimensões importantes dos mecanismos do poder.” (BARAD, 2017, p. 30) que enfronteiram existências normativas. Lembrar que a matéria importa, assim como a linguagem e acultura, é intencional borrar os binômios que justificam essas fronteiras e acreditar que elas podem sim serem esfumadas e bricoladas, afinal, “fronteiras não param quietas (BARAD, 2017, p.21).

REFERÊNCIAS (Emaranhamentos)

- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução de: ROCHA, Thereza. *Vazantes – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 6-34, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451>>. Acesso em: 09 mai 2022.
- _____. On Touching: The Inhuman That Therefore I Am. In: *differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* 23(3): 206-223, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/10407391-1892943>>. Acesso em: 18 mai 2022.
- _____. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham and London: Duke University Press, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1215/9780822388128>>. Acesso em: 18 mai 2022.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Trad. de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 09 mai 2022.
- _____. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, 2a ed.



NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes artistas mulheres? Tradução autorizada pela autora. São Paulo, 2016. Disponível em:

<<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2021.

MURRIS, Karin (Ed.). A glossary for doing postqualitative, new materialist and critical posthumanist research across disciplines. Edited by Karin Murriss. New York, NY: Routledge, 2022.

VEIGA, Ádamo B. E. O excesso do real: Deleuze e a virada especulativa. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2020.

ST. PIERRE, Elizabeth A. Decentering voice in qualitative inquiry. In: Voice in Qualitative Inquiry: Challenging Conventional, Interpretive, and Critical Conceptions in Qualitative Research. Routledge, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras (reimpressão). 2. ed São Paulo: EDUSP, 2019.